

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

# BERNARD NOËL

*O cérebro disponível*

Tradução Cecilia Schuback

ZAZIE  EDIÇÕES



*O cérebro disponível*

2019 © Bernard Noël

COLEÇÃO

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

TÍTULO ORIGINAL

*Le cerveau disponible*

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Laura Erber

EDITORES

Laura Erber e Karl Erik Schøllhammer

TRADUÇÃO

Cecília Schuback

REVISÃO DA TRADUÇÃO

Annie Cambe

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTO

Denise Pessoa Ribas

DESIGN GRÁFICO

Maria Cristaldi

Bibliotek.dk

Dansk bogfortegnelse-Dinamarca

ISBN 978-87-93530-37-9

*Agradecemos ao autor pela cessão dos direitos de publicação.*

Zazie Edições

[www.zazie.com.br](http://www.zazie.com.br)

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

# BERNARD NOËL

*O cérebro disponível*

Tradução Cecília Schuback

ZAZIE EDIÇÕES



A visão vai e vem nos nossos olhos como o ar vai e vem nos nossos pulmões, mas o que, por detrás de nossos olhos, equivale a esses pulmões? Sem dúvida é necessário que a respiração visual acumule em nós a experiência do nosso entorno e que a visão extraia da repetição das imagens as regras de uma relação que é uma primeira linguagem. Qual é o circuito que põe o mundo na cabeça e, de olhos fechados, permite que ele ainda esteja aí? Em que região do corpo esse aí está situado? Talvez essa pergunta nunca tenha se colocado por ser tão natural ver e conservar os traços da visão. É a partir do *déjà vu* que identificamos os elementos do visível, e é a respiração do visível que alimenta o seu reconhecimento. Entender como funciona cada área do cérebro, os neurônios e as sinapses, vem fornecendo respostas, mas como sentir que cada uma de nossas representações é também um objeto neuronal? Enquanto não estivermos dotados dessa

percepção científica, é melhor confiar na natureza e reconhecer simplesmente que a circulação de imagens e sua preservação constituíram o espírito<sup>1</sup>. E não foi nele que, aos poucos, a visão praticou a denominação ao inventar a linguagem?

A palavra “interioridade” é infinitamente mais orgânica e concreta do que a palavra “espírito”. Mas por que sempre fizemos dessa construção interna um tipo de suplemento propiciado por deuses? Essa desencarnação talvez seja a continuação lógica daquela que o olhar opera quando vive transformando o mundo em imagens. Enquanto a visão é direta, prática, imediata, essa mudança se mantém naturalmente insensível, mas sua consciência deveria se impor, à medida que cresce a provisão de imagens, que a memória interfere e que a reflexão se soma à experiência. Podemos pensar hoje que tudo isso diz respeito a áreas do cérebro, mas como perceber esse armazenamento interior e sua organização? É verdade que não precisamos dessa percepção para utilizá-la, a não ser pelo fato de que a percepção permitiria uma relação, por assim dizer, reencarnada, e a reencarnação é certamente um processo capital quando se busca o melhor meio de resistir à ocupação midiática.

Concordando ou não quanto à formação e à natureza da mente, existe um consenso geral de considerá-

---

<sup>1</sup> « A palavra « esprit » em francês tem um duplo sentido de « mente » e « espírito ». No texto, esse duplo sentido está sempre em jogo, pois o cérebro fica disponível justamente por reduzir o espírito a um mero ato mental passivo. (N. da T.) »

la como o atributo específico da humanidade e até o seu constituinte. Cada um sabe que a mente funda a relação entre os homens, criando, portanto, a sociedade, a cultura e todos os desenvolvimentos decorrentes. Ela é, portanto, a base da personalidade, da sua independência e da sua liberdade para aceitar ou combater as condições sociais e políticas. Em consequência, o poder, seja qual for, sempre procura convencê-la ou cerceá-la. Tem feito isso através da lei, que ordena as relações em nome da justiça. Tem feito isso pelo medo, que ameaça a quem se lhe opõe com uma violência impiedosa. Tem feito isso, sobretudo, pela educação religiosa e depois a cívica, que orientam do mesmo modo a mente em direção ao bom senso da necessidade do poder e da aquiescência a sua dominação.

Moldar a convicção dessa necessidade é mais rentável do que impô-la, e, sem dúvida, será que depois de séculos e séculos desse exercício, não se podia imaginar que, um dia, seria possível não mais precisar de uma formação que exige um longo ensinamento, uma hierarquia familiar e social, uma administração pesada. De repente e brutalmente, uma invenção desvalorizou a prática dessa herança ao permitir sua penetração direta na mente – ou pelo menos no seu lugar –, sua violação sem que se note, e a instalação dos elementos propícios a sua submissão.

A facilidade dessa invasão e a naturalidade da decorrente ocupação surpreendem logo que pensamos no processo da sua implementação. Assim, descobrimos que basta fixar os olhos e neles despejar imagens

para que o espaço da mente se deixe levar pelo fluxo das imagens como se ele fosse o autor, e não a vítima. Nunca no passado uma máquina teve a capacidade de penetrar na região mais íntima dos humanos, de invadi-la e ocupá-la por meio de um espetáculo que, sob pretexto de informar, instruir e distrair, não deixa nenhuma margem para o menor recuo crítico. Claro, cada um mantém o controle do aparelho e pode a qualquer momento interromper a emissão de que está desfrutando, mas esta tem, em geral, a sedução ou a habilidade suficiente para ser seguida até o fim. Consequência: muitos dos nossos contemporâneos passam ao menos quatro horas por dia diante do televisor. Além disso, as telas se multiplicam e, agora portáteis, cabendo no bolso ou na bolsa, tornam-se inseparáveis de nós. Pior, são cada vez mais usadas na educação, e corremos o risco de que levem ao desaparecimento da relação, do contato humano.

Essa inflação do consumo visual poderia representar apenas um certo frenesi num campo bem particular do consumo, mas quais são os efeitos? É o cheio demais que produz um vazio. Eis aí uma expressão estranha; mas será que algum dia estivemos diante de um sistema capaz de encher um lugar para esvaziá-lo de suas qualidades mentais naturais? E, ainda por cima, é um lugar situado no nosso corpo e considerado por todos como essencial apesar de nunca ser percebido fisicamente? Assim, o fluxo de imagens despejado em nossos olhos se torna nossa atividade “mental” sem deixar de manter a aparência de um es-

petáculo inofensivo. O sujeito desse espetáculo é uma miragem: ele é muito menos importante do que a circulação do fluxo de imagens que produz e que, por seu simples movimento, ocupa a nossa mente para mantê-la disponível para a mensagem impressionante que, de vez em quando, lhe será comunicada.

Enquanto permanece ocupada com esse fluxo visual cuja invasão é contínua, nossa mente não pensa nele por não precisar representar para si mesma aquilo que, ao mesmo tempo que a ocupa, não deixa de estar diante dos olhos. Convém, evidentemente, lembrar aqui que o espetáculo televisivo é a única atividade humana que, para começar, só exige o esforço de apertar um botão antes de acompanhar passivamente a sucessão de imagens. A eliminação de todo esforço preliminar é a base da atração da televisão: basta ligá-la e abrir os olhos. Essa situação talvez a mente em uma posição original: aquela em que bastava ver para ser preenchido. Só que, diante da tela, não se está mais na visão em processo de reflexão, e sim no abandono a uma alimentação visual forçada que, ao contrário, neutraliza a reflexão.

Um ex-diretor da rede de televisão mais popular [na França] fez um dia a confissão, que se tornou famosa, de que seu papel era criar um “cérebro disponível” para as mensagens publicitárias de seus clientes. Como obter essa disponibilidade? Pela circulação contínua de um fluxo de imagens cujo movimento mantém a passividade de sua recepção. A essa mobilização do sistema visual, acrescenta-se, claro,

a do circuito auditivo através de palavras e sons que completam a sedução; mas será que isso basta para explicar a fabricação do “cérebro disponível”?

Desde tempos ancestrais, a percepção humana combina o auditivo e o visual, mas foram necessários milhares de anos para aperfeiçoar a expressão através da linguagem e da escrita, ou seja, para resumir, por meio de uma simbolização cada vez mais exatamente ligada ao conteúdo. Essa simbolização, feita de dois modos complementares – sendo o segundo relativamente recente –, sempre deixou cada indivíduo livre para interpretá-los a sua maneira, fazendo um esforço de concepção e imaginação. Em relação a essa longa história, o registro mecânico das imagens, de onde nasce o audiovisual, tem toda a aparência de uma precipitação brusca e invasiva que de cinquenta anos para cá vem amplificando seu efeito.

A novidade, certamente já esquecida, é que essa precipitação de imagens se instalou na intimidade de cada um e não exige nenhuma aprendizagem. Basta possuir o aparelho adequado, instalá-lo no centro da casa e sentar-se diante dele. Ao apertar uma tecla, começa o desfile de imagens, junto com a sonorização, que o acompanha naturalmente. A partir daí, todo o campo da percepção é ocupado, porque o símbolo e seu conteúdo se confundem, assim como seguem juntas a sucessão das imagens e a audição, sem que se possa intervir senão pela interrupção.

Todas as obras criadas até então e em todos os campos estavam discretamente incompletas: contavam

com a interpretação, a imaginação, a inteligência, portanto, para alcançar sua realização. O espetáculo audiovisual se basta a si mesmo por estar totalmente figurado, totalmente realizado, seja qual for sua qualidade ou mediocridade. Originais ou banais, os temas se equivalem, desde que desencadeiem uma assimilação rápida e mantenham um apetite de consumo. Tudo isso é hoje bem conhecido e denunciado, embora a denúncia, longe de ter um efeito dissuasivo e popular, se reduza a constatar que a imagem móvel com algumas bolhas de discurso serve agora como programa e pensamento políticos.

Falta, porém, tentar entender por que o ser humano é fragilizado justamente pelo que funda a sua humanidade, isto é, o “espírito”. Entender por que um fluxo de imagens penetrando pelos olhos pode ocupar essa mente a ponto de torná-la efetivamente “disponível” para qualquer manipulação publicitária ou política. A ciência, que há alguns anos vem aprendendo muita coisa sobre o cérebro e o pensamento, talvez consiga um dia identificar os circuitos que permitem tal invasão e tal ocupação. Será que servirá, então, para nos proteger, ou para nos submeter? Pelo que a história ensina, a probabilidade é de que as chances sejam iguais.

Do mitograma à letra, passando pelo ideograma, a progressão da simbolização foi relativamente rápida no campo da escrita. Nessa evolução, admirável para nós é que, no início, uma imagem reduzida ao seu próprio signo sirva para nomear a coisa, o objeto, o

animal... Mas o que acontece com a vocalização desse nome que, claro, precede a tentativa de transcrição? Nenhuma pista nos é dada quanto a isso, porque não existe nenhum fóssil da palavra. A escrita só data de 5 mil anos atrás, as pinturas parietais são seis a oito vezes mais antigas, a palavra vem de um “longe” incalculável. Só é preciso sublinhar que a simbolização começa com signos figurativos que muito rapidamente viram abstratos.

A origem se afasta tão logo queremos nos aproximar. Mas o olho está sempre presente, aberto desde que houve corpo e vida. E esse olho, ao ver, envia imagens para o cérebro, acumulando nele conhecimento. Até aí, nada mais natural e animal; mas o que acontece quando, tendo fechado os olhos, esse animal se dá conta de que ainda vê o que não vê mais? Observada do presente, essa situação é mítica; tem, contudo, todas as chances de ser simplesmente natural, só que... entre a visão habitual e a visão memorizada, deu-se a passagem capital da visão para a representação. Essa passagem tornou-se tão normal, e há tanto tempo, que não percebemos que ela inaugura o nascer do pensamento ao mesmo tempo que funda o seu lugar.

Admitindo que a passagem da visão para a sua imagem mental, que é a base da representação, é também a base do pensamento, essa operação, por assim dizer original, supõe, para se desenvolver, um esforço constante de reflexão, gerador de inteligência. Sendo assim, se, num primeiro momento, pudemos nos sa-

tisfazer em ver, logo precisamos saber o que víamos, comparar, deduzir, projetar e mesmo articular a visão. Não se trata de sonhar com o desconhecido, mas sim de agitar o provável na medida em que o olho, e somente ele, parece ser o único fundador do humano pensante, mesmo sem esquecermos a contribuição do ouvido. E se o pensante é atacado por uma agressão mental que passa pelo olho, não seria então essa uma razão para nos perguntarmos o que faz dele a entrada principal dessa região íntima?

A cada dia milhões de olhos são invadidos por uma torrente de imagens audiovisuais que vão ocupar a mente na qual essa torrente se precipita. Entre essas imagens e aquelas que vêm do cotidiano, do trabalho, dos encontros ou das atividades, há uma diferença de natureza que, em geral, não é percebida. As imagens comuns via de regra alimentam a mente através de representações que ela analisa e sobre as quais reflete; as demais, as da tela, suscitam nela uma espécie de paralisia mental que o ex-diretor do canal TF1 [francês] caracterizou perfeitamente ao falar de “cérebro disponível”.

Será ainda preciso questionar essa disponibilidade? Ela suspende a atividade do cérebro – palavra que agora se prefere a “mente” – ao neutralizá-la. As imagens desfilam numa velocidade e aparência normais como sempre, com a única diferença de serem para si mesmas a sua própria representação por um motivo que essa normalidade dissimula. O que ocupa o cérebro não para em nenhum momento de fa-

zer que os olhos confundam o símbolo (a imagem) e o seu conteúdo, de forma que a representação vira a realidade ambiente. Uma realidade totalitária que não deixa a menor margem para a imaginação nem, claro, para a intervenção, a não ser que se interrompa de vez o processo. A razão dessa ocupação total do espaço mental está ligada à ocupação simultânea do circuito visual e do circuito auditivo, cuja consequência é o espetáculo deixar de ser percebido como tal, mas inteiramente vivenciado.

A instalação do aparelho de televisão no centro da vida familiar lhe confere o poder de introduzir, no círculo mais íntimo, tudo o que compõe o mundo exterior: informação, distração, cultura. Os membros da família acreditam que a compra do aparelho lhes deu o controle sobre ele, embora esse controle se limite a ligar e desligar o aparelho. Enquanto espectadores, estão numa situação comparável àquela do trabalhador numa linha de montagem, que, privado de qualquer iniciativa, só pode repetir sempre o mesmo gesto. Sabemos a que ponto a passividade criada por essa situação é prejudicial ao ser humano, porque lhe retira todo controle e torna o seu corpo maquinal; o mesmo acontece fatalmente com o treinamento para a passividade gerado pelo televisor. É que ter em casa uma tal fonte de imagens significa carregar essas imagens com uma realidade que as integra, sem qualquer esforço de reflexão, à vida cotidiana e à vida mental. Daí, não há mais distanciamento, e cria-se uma familiaridade bem efêmera com esse fluxo que,

sempre passando, de forma impessoal e irrefletida, paralisa tanto a interpretação como a imaginação.

Essa fábrica de passividade é certamente uma das invenções sociais mais notáveis de nossa época. Despreza o humano, mas deveria ter permitido amenizar a opressão a ponto de tornar inútil a violência. Porém está bem longe disso, porque a avidez dos opressores não para de crescer, totalmente desmedida e em detrimento de um número sempre maior de pessoas. À medida que se multiplicam as telas, não é a liberdade que cresce, mas o meio de controlar cada um de seus usuários até na intimidade. O escândalo da descoberta do controle exercido pelos serviços de inteligência norte-americanos sobre todas as comunicações privadas é uma prova, mas não os impede de continuar. Espantoso é notar que todos os abusos tecnológicos de poder só provocam uma indignação bem efêmera. Isso ocorre porque a mídia passa rapidamente para outra coisa, ou porque a própria indignação não passa de uma reação manipulada?

A passividade é, no fundo, a melhor forma de se preservar contra toda revolta. Vemos como hoje até os sindicatos se tornam cúmplices, já que as manifestações por eles organizadas muitas vezes não passam de um engodo destinado justamente a cansar os revoltados. Inútil acrescentar que o socialismo hoje só traz essa etiqueta para promover o seu contrário. Entre todos os centros de poder há, portanto, um entendimento para, por um lado, desestimular a oposição e, por outro, desenvolver os meios para torná-la

inexistente – mais exatamente acabar com ela. Para isso, é preciso tornar a revolta inconcebível e, em consequência, ocupar a mente a fim de afastá-la: ocupá-la no sentido militar do termo.

O melhor instrumento para realizar esse projeto continua sendo a televisão e seus diversos avatares por todas as razões já mencionadas e porque a paralisia mental que eles propagam não só é indolor mas também atraente. Quando a visão está fascinada por uma sucessão de imagens sonoras e móveis que ocupam todo o espaço visual, a realidade ambiente fica duplicada, de modo que a percepção se perde. O pensamento segue então derivando ao longo de um espetáculo que só lhe permite se identificar consigo mesmo, impedindo, portanto, a interpretação e a imaginação. Assim, a única progressão é a de uma privação de sentido que facilita a submissão.

Quando surgiu a comparação entre trabalho em cadeia e espetáculo televisado, eu deveria ter prestado mais atenção ao fato de ambos provocarem uma perda da autonomia individual e, logo, do engajamento e do comprometimento físicos em virtude dos quais a invenção desde sempre passa pelo corpo. É essa ligação entre a inteligência e a mão que desaparece nas novas tecnologias. Está acontecendo uma desencarnação que, longe de favorecer a espiritualidade, como antes acreditávamos, tende a eliminá-la. Só se trata agora de valores materiais, e, embora ameaçados de falência, todas as autoridades anunciam, ao contrário, o seu retorno, que será salvador. A manutenção dessa

lenda produtivista passa por uma obstinação suicida e por uma opressão, de violência até agora desconhecida, que destrói os equilíbrios naturais, o clima, a qualidade dos alimentos, as conquistas sociais, os serviços públicos, a educação. É preciso convencer de que essa pilhagem é indispensável para um progresso futuro, deixando desse modo os cérebros disponíveis para essa “verdade”.

Nesse meio-tempo, tanto o nosso corpo como as condições de vida padecem dessa degradação geral, enquanto o espetáculo a domicílio nos distrai. As notícias se encadeiam de forma que uma desgaste a outra e as responsabilidades sejam sempre adiadas ou canceladas. O importante é cativar os nossos olhos e despejar neles a poção de imagens que bonifica a visão da atualidade – a qual é doravante a única dimensão do mundo.

Por que é tão decisivo cativar os nossos olhos? Essa é a questão que motivou a tentativa bem arriscada de questionar uma origem cujos vestígios não sobrevivem, a não ser talvez no nosso corpo. Hoje são inúmeros os estudos que tentam esclarecer a nossa construção celular e situá-la em regiões e circuitos. Mais urgente é, no entanto, encontrar o jeito de reanimar uma resistência corporal ao que despreza o nosso corpo e confisca o nosso único espaço mental para semear uma submissão que agirá em nós como um reflexo.

Tratava-se aqui de inventar, no sentido arqueológico do termo, o papel fundamental do olho, papel

que de toda maneira é o seu, a fim de denunciar a sua exploração para confiscar a nossa “mente”. Seria ingênuo acreditar que, conhecendo a maneira como o inimigo atua, pudéssemos dispor do meio para nos opor a sua ação? Sem dúvida, não é nem tão simples nem suficiente, porque não basta conhecer; é preciso acrescentar a percepção e a consciência da penetração audiovisual no momento em que ela agride todo o espaço da interioridade. Essa penetração segue o circuito original que leva da visão ao pensamento, e todo o seu poder de ocupação depende do controle desse trajeto. Nessa hora, o espectador-ouvinte consente ou se defende: ele está avisado, tem escolha...



BERNARD NOËL é um dos mais renomados autores da literatura francesa contemporânea. Em 1958, publicou seu primeiro livro de poesia, *Extraits du corps*, sob o pseudônimo Urbain d'Orlhac. Escreveu diversas obras importantes, como *La Face de silence*, *Le Château de cène*, *Le Livre de l'oubli* e *L'Outrage aux mots*, além de reflexões sobre pintura e sobre a perda do sentido. A troca que Noël estabeleceu com artistas contemporâneos seus foi uma importante contribuição para sua escrita precisa e poética. O presente ensaio, *O cérebro disponível*, publicado na França em 2015, é de grande relevância para a atual discussão sobre a disponibilidade do nosso cérebro, intensamente ocupado pela mídia, e a necessidade de reinventar “o papel fundamental do olho” no momento em que a “penetração audiovisual [...] agride todo o espaço da interioridade” humana.